

O MURMURIO.

PERIODICO LITTERARIO E INSTRUCTIVO.

(PROPRIETARIO—A. P. DE S. PEDERNEIRA.)

N.º 12.

JUNHO 15.

1856.

A LINGUA HISPANHOLA E OS AUCTORES

QUE MAIS A APERFEIÇOARAM.

Diceva Carlo-Quinto che parlerebbe francese ad un amico, tedesco al suo cavallo, italiano alla sua signora, inglese agli uccelli, e spagnnolo a Dio.

==Veneroni==

A lingua castelhana compoem-se de vocabulos phenicios, gregos, latinos e arabes, e d'outras muitas palavras das diversas linguas d'aquellas nações, que por dominação ou commercio assistiram na Hispanha. Mas abunda mais especialmente em vocabulos latinos, já inteiros, já alterados. (a).

Seis centos annos pelo menos estiveram os Romanos na Hispanha, ainda que se não conte esse tempo se não desde o anno 216 antes de Christo, em que elles a ella vieram pela pri-

(a) Para prova d'esta asserção pode-se vêr a composição ao mesmo tempo em latim e em hispanhol, que fez o Doutor Luiz Gonçalez, engenho hispanhol de muitas lettras, e que, ainda moço, era do conselho geral da inquisição. Pode-se ver tambem a canção ao mesmo tempo latina e castelhana, que na suas poesias, publicou D. Francisco de Castilla. Pode-se ver ainda o que no mesmo sentido escreveu o celebre poeta Juan de Mena, que, na sua obra insigne = De los Peccados Mortales, a começou com este verso latino e hispanhol = «Canta tu, Cristiana Musa». E pode se ver por ultimo, o que antes de todos escrevera o celebre cordovez Oliva, no seu dialogo entre Silicio, a Arithmetica e a Fama; e o que depois de todos estes escriptores escrevera o muito celebre Ambrosio de Morales, sobrinho do Mestre Oliva, na carta que escreveu ao principe D. João d'Austria, e que é sobre modo curiosa.

meira vez com mão armada, segundo referem Florian de Ocampo, Cronica de Esp. lib. 5. cap. 2.º, Garibay, compend. Hist. de Esp. lib. 5.º cap. 5, e Mariana, Hist. de Esp. lib. 2.º cap. 12, até o anno 416 depois de Christo, em que acconteceu a entrada dos godos. E se fizermos esta conta até o anno de Christo 623, em que os romanos, segundo attestam Garibay, lib. 8. cap. 3.º, e Saavedra, Chron. Got. part. 1.º cap. 20 del Rey Swintila, acabaram de perder o que na Hispanha possuíam, por ahiveremos que com effeito se mantiveram n' estas partes por mais ainda de 800 annos.

Por este tempo introduziram os romanos aqui nas hispanhas a sua lingua vulgar, que era a latina, como aconteceu igualmente a todas as mais provincias, que elles conquistaram e ficaram submettidas a seu poder (b).

Com a decadencia do imperio Romano, e com a vinda dos godos, notavelmente se foi adulterando a lingua latina, ou antes a lingua romana; porque, como os vencidos precisavam accommodar-se com a lingua dos

(b) Diz Sancto Agostinho, De Civit. Dei, lib. 19. cap. 7. = « Opera data est, ut im-
« periosa civitas, non solum jugum, verum
« etiam linguam suam domitis gentibus...
« imponeret ». — Mas é de notar, que nem por isso os hispanhoes chegaram a esquecer de todo a sua lingua no dominio romano. Prova-o bem o que refere Tacito, Annal. lib. 4., a respeito do hispanhol Terrestino, que, matando o pretor da hispanha ulterior Lucio Pisão, e sendo posto a tormentos para descobrir os seus cúmplices, não o fez, acrescentando NA SUA LINGUA PATRIA, dirigido PARA OS JUIZES que o interrogavam, que de balde o tormentavam = « voce magna sermone patrio frustra se interrogari clamavit ».

vencedores, e estes desejavam e procuravam aprender a dos vencidos, por isso assim vieram uns e outros a contribuir para a ruina e para a estragação da lingua latina, como diz o doutor *Bernardo de Aldrete*, no liv. 2.º cap. 1.º da sua = *Origen de la lengua castellana*.

Os godos, encontrando algumas difficuldades na declinação dos nomes ou vocabulos latinos, abstrairam inteiramente d' ella, supprindo os casos com preposições. E se nos verbos seguiram em parte as conjugações latinas, deixaram de todo a voz passiva, e usaram em seu lugar dos participios passivos com o verbo substantivo *ser*, como se colhe do que se lê em *Aldrete* no lugar citado das suas = *Origenes*.

Este idioma latino, assim adulterado e corrompido, começou-se a chamar *romance*, pela sua derivação da lingua romana ou latina, para o differenciar do gothico.

Com a irrupção dos arabes, acontecida no anno de 714. tambem o romance padeceu suas alterações e mudanças. Mas como os hispanhoes comecaram desde logo a forcejar por sacudir o novo jugo que os opprimia. á proporção das vantagens que elles hiam conseguindo, tambem a lingua castelhana ia cobrando nova força, vigor e cultura.

El-Rei *D. Alonso el Sabio*, o nono d'este nome, mandou, como affirmam *Garibay*, lib. 13 cap. 9, *Mariana*, Hist. de Esp. lib. 13. cap. 12. e lib. 14. cap. 7., e *Aldrete*, *Orig. de la Lengua Cast.* lib. 2. cap. 1.º, que cessasse inteiramente o uso de escrever em latim os privilegios, doações reaes, e escripturas publicas (c). Entre as differentes obras que compoz, ou fez compor em romance, merece sem duvida um singular apreço as suas = *Leyes de las Partidas*, em que os hispanhoes viram a sua lingua vulgar ostentar to-

da a riqueza e magestade, que ella até então havia adquirido, e em que essa lingua levou grandissimas vantagens, não só a outras obras anteriores e contemporaneas, mas ainda a muitas d'aquellas que lhe foram posteriores (d).

Seguiram o seu exemplo *D. Joan Manuel*, filho do infante *D. Manuel*, e neto do Sancto Rey *D. Fernando*; e *El-Rey D. Alonso el Undecimo*. O primeiro compoz o primoroso livro de = *El Conde Lucanor*, e o segundo o = *libro de la Monteria*, ambos anciosamente lidos, e dignamente estimados. — O primeiro, e muito raro, ha-o na bibliotheca nacional de Braga, onde ha muitas outras obras de grande valor: o segundo, não menos raro, ha-o tambem, aqui na livraria muito selecta do *Dr. Pereira Caldas*, lente do lyceu (e).

(d) No prologo d'estas = *Leyes*, e fallando de sua formação, diz *El-Rey Don Alonso*: = « El muy noble, è bienaventurado Rey D. Fernando nuestro padre lo quisiera « facer si mas viviera, è mandó á nos que lo ficiésemos ».

E na sua *Chronica*, cap. 9., diz-se: = « El-Rey D. Fernando su padre habia començado à hacer los libros de las Partidas; y « este D. Alonso su hijo hizòlas acabar ».

(e) Para não parecer-mos suspeitos, attentas as intimas relações de familia, quando assim fallamos desta livraria, copiaremos o que d'ella escreveu o ex.º sr. *José Borges*, litterato muito conhecido d'esta cidade de Braga. E' o que se lê no primeiro volume do = *Instituto de Coimbra*, pag. 190, por occasião d'este dicto escriptor fallar do muito rarissimo poema romance = *Gaia*, de *João Vaz*, do qual poema o finado visconde d'*Almeida Garrett* apenas viu um exemplar, como elle diz na sua = *Adosinda*, nota pag. 197. Eis o que diz o ex.º sr. *José Borges Pacheco Pereira*: = « A nós por rem cabe-nos a satisfação de dar conhecimento « d'este precioso escripto, porque tivemos um « amigo, muito distincto litterato e mestre no « Lyceu d'esta cidade, o *Dr. Pereira Caldas*, « que, além d'algumas raridades d'outros generos que possui o seu gabinete, tem entre « as litterarias, (porque em verdade é senhor « de escriptos curiosissimos e d'um valor immenso), este romancezinho, fazendo-nos a especialissima graça de nol-o confiar, para d'ella

(c) Note-se, que outra foi a epacha, em que entre nós se deixaram de lavar os instrumentos publicos em latim. Teve isto lugar no reinado de el-rei *D. Diniz*. E é bem curioso tudo quanto lhe diz respeito.

Escreveram-se tambem em romance as excellentes = *Cro. del Santo Rey D. Fernando, de D. Alonso el Sabio, de D. Sancho, el Quarto, de D. Fernando el Quarto, e finalmente de D. Alonso el Undecimo.*

Pedro Lopez de Ayala, já comestilo mais adornado e castiço, escreveu tambem as = *Cronicas del Rey D. Pedro, de D. Enrique el Segundo, e de D. Juan el primero.*

Alvar Garcia de Santa Maria, e Fernan Perez de Gusman, compuseram a = *Cronica de D. Juan el Segundo; e Juan de Mena* a obra das = *Trescientas e a Coronacion.*

O *Bacharel Fernan Gomez de Ciudad-Real* escreveu o = *Centon Epistolario*, que encerra umas admiraveis cartas sobre os principaes successos e accoecimentos do reinado de *D. Juan el Segundo.*

O sabio Bispo d'Avila, *D. Alonso Tostado*, publicou varias e excellentes obras em castelhano: e *Hernando del Pulgar* a sua celebre = *Cronica de los Reyes Catolicos.*

E assim corriam estas cousas, quando alguns tempos mais adiante o *Doutor Francisco de Villalobos*, nos seus = *Problemas e outros excellentes tractados* que em romance compoz, deu a conhecer toda a graça e primor de que a lingua castelhana era capaz(f).

Esta lingua abunda em verbos irregulares, que a fazem mais agradável e harmoniosa, pela variedade que permittem á phrase; mas é por isso mesmo que ella se torna mais difficil em seu estudo, em razão do que elles se apartão dos verbos communs em suas conjugações regulares. Mas

« dar-mos noticia aos amadores das raridades archeologicas ».

(f) A elegancia e o vigor desta lingua pode-se vêr em resumo na ultima edição da = *Gramatica de la Lengua Castellana*, publicada por *Don Vicente Salvá*. Mas o que mostra melhor a fundo a belleza, a graça, e a magestade desta lingua neo-latina, são os muito excellentes dois volumes de *don Gregorio Garcés*, publicados com este titulo = *Fundamento del vigor y Elegancia de la Lengua Castellana*, expuesto en el proprio e vario uso de sus particulas.

para nós, os portuguezes, é não só de muita facilidade, mas até de vergonha o não a sabermos; e muito principalmente nesta epocha, em que tudo conspira á mutua fraternisação dos dois paizes coirmãos(g).

Em fim, a publicação destas e outras semelhantes obras, e sobre tudo a particular attenção e esmero, que hão dado ao hispanhol muitos escriptores insignes, que em Hispanha floreceram desde o reinado dos reis catholicos, tudo o foi de tal maneira polindo e aperfeiçãoando, que o chegaram a pôr no florido estado, em que esta lingua se acha hoje. E a litteratura hispanhola dos nossos dias, tem obras em nada inferiores ás das mais ricas litteraturas da Europa. E pelo *Centro commercial de Lisboa*, ou pelo livreiro de *Tuy, Martinez de la Cruz*, se podem hoje obter, com muita promptidão, quaesquer obras que se queiram da Hispanha; a não se querer fazer usada muito rica e muito grande colleção dos melhores auctores hispanhoes, antigos e modernos publicada em Pariz, na livraria europea do livreiro editor *Baudry*.

A. P. da Silva Caldas.

WORMES.

AS MARGENS DO RHENO.

Wormes, no grande ducado de Darmstadt sobre a margem esquerda do Rheno, é uma antiga localidade, que cheia de ruinas testimunha o seu antigo esplendor. Deve a sua fundação aos Yogios. Muitos concilios e dietas, se fizeram ahí, e entre os principaes destingue-se o de 1122, em que o imperador Henrique V e o papa Calisto, fixaram a jurisdição aos bispos. As dietas mais celebres, são as de 1495 que deu a paz á Allemanha, e a de 1517 que a confirmou; a de 1521, que teve em resultado o edito de Wormes contra Luthero. A cidade de Wormes, foi das primeiras a abraçar a confissão de Augsbourg defendendo-a com te-

(g) sobre este assumpto da federação ibérica, em que hoje se occupam muito, a favor e contra, os principaes escriptores de Portugal e Hispanha, é muito digno de se lêr o escripto de *Don Sinibaldo de Mas*, traduzido em portuguez com este titulo = *A Iberia: memoria sobre a conveniencia da união pacifica e legal de Portugal e Hispanha.*

racidade. Desde o seculo XIII teve muitas rixas e disputas com seus bispos: soffreu frequentes guerras, em que ella tomou sempre o primeiro lugar: cidade imperial, nesta qualidada toma sempre a dianteira ás outras localidades das praias do Rheno.

As margens do Rheno são celebres pela belleza de seus panoramas, não o são menos pelas tradições maravilhosas que se prendem a todas as ruínas, que cobrem suas montanhas: os habitantes são inclinados a uma superstição, que os faz acreditar em todas essas lenda da meia-idade, em que o diabo desempenha sempre o primeiro papel.

Em Wormes, não ha um só precipício, um só rochedo um pouco escarpado, ou uma só ruína, que não tenha sido theatro d'alguma aventura extraordinaria, que gravada na memoria passa de geração em geração; e ainda hoje são contadas aos viajantes que visitam estes logares. Numa parte, qualquer barqueiro, vos contará a historia dos habitantes d'agua de *Lurley*, que atraindo os viajantes com seus cantos harmoniosos, os fazia quebrar o seu botal de encontro aos rochedos: n'outra parte em frente ao castello de Bremser, contarvos-ha todos os combates do bravo cavalleiro Bremser na Palestina: o como foi, que elle matou um monstruoso dragão, e trouxe os seus despojos como trophieu: lá mais ao longe, apparecerão á tona d'agua do Rheno, os cabeços dos sete rochedos, chamados das *Sete Irmãs*, que foram metamorphoseadas assim, em punição da dureza de seus corações: — ao pé da Floresta Negra, o lago Mummelsá, poderá fornecer materia para mais d'um volume d'antigas legendas: contar-vos-ha, como querendo-se medir este lago, nunca jamais, se lhe encontrou'fandol como um principal do paiz tentando ahi construir uma jangada, ella desappareu no lume d'agua. — Os castellos de Epstein, de Falkenstein, de Bolandsek, as tradições do val de Visperthal. D'entre muitas, ahi vae uma bellissima e dramatica, que poderá dar uma ideia aproximada de todas as outras, á qual se dá grande credito neste paiz.

O CAMINHO DO DIAO.

O castello de Falkenstein, era uma formosa e nobre habitação: edificada sobre o viso d'uma montanha escarpada, dominava todos os valles vizinhos: longos annos haviam sido necessarios para a sua construção, e para abrir na rocha um atalho, unico que ali condatia, atalho tão estreito, que duas pessoas não poderiam caminhar unidas. Seria athe loucura, o ataque de tal castello: um só fragmento da rocha despejido sobre os combatentes, precipital-os-hia com fragor no fundo do abysmo.

O logar selvagem onde haviam construido o castello, parecia ter influído sobre o caracter

de seus possuidores: os senhores de Falkenstein eram conhecidos pela rudex de seus modos, e inhospito de seu caracter: poucas vezes desciam aos valles vizinhos, viviam sós no seu retiro, e eram temidos por todos os outros castellos, por que sabiam que lhes não era possível vencer nos seus torreons os nobres senhores de Folkestein. Todavia, algumas vezes vinha ao castello um cavalleiro, atrahido ahi por um objecto, de que se maravilhava encontrat n'aquelle deserto.

Era a filha do barão de Falkenstein que ahi arrastava o joven cavalleiro Beppo. Era que nada havia mais perfeito que Hermengarda, seus encantos ja se haviam tornado celebres em toda a Allemanha, e nos ultimos torneios de Wormes, muitas lanças se quebraram em seu respeito, muitos cavalleiros se tinham lançado á arena, para obterem sua mão, mas a todos havia despedido a grosseria do velho senhor, e todos, excepto Beppo, consentiram em serem despedados.

Não se atrevia Beppo a pedir a mão de Hermengarda, e todavia vinte veses tinha encontrado o barão, e vinte veses a palavra lhe espirava nos labios, logo que se achasse na presença deste homem, cujo só o aspecto o obrigava ao silencio.

Um dia que junto d'uma janella donde se descobrem as vastas planicies de Kronenberg, admiravam o magico painel que se desenrolava a seus pés, disse Beppo:

— Eu sei que nenhum outro castello, está tão bem situado como o vosso, mas muito custa a subir esta montanha.

— E quem vos obriga a subil-a?! disse o barão, com a sua costumada grosseria.

— E' Hermengarda vossa filha, é a sua mão, eu vo-lo confesso, que dezejo pedir. O velho barão sorriu se; era um mau presagio.

— Cavalleiro, disse o barão, eu vos dou minha filha, mas com uma condição.

— Aceito-a qualquer que ella seja: respondeu vivamente Beppo.

— Pois bem: tereis minha filha, se esta noute, esta mesma noute, fizerdes abrir na rocha um caminho, pelo qual eu possa vir a cavallo até ás portas do meu castello: depois d'haver soltado estas palavras, o barão retirou-se da sala, sorrindo-se, deixando o infeliz Beppo, preza do espanto e do pezar.

Era loucura, só a lembrança de tentar a empreza. Todavia, Beppo dêsse aos plainos de Kronenberg; aproxima-se das minas de Santa Margarida, e faz sabedor ao velho mestre dos mineiros, seus dezejos. Este abanando sua cabeça grisalha responde-lhe:

— Eu conheço estes rochedos, tresentos mineiros, que trabalhassem tresentos dias, não poderiam fazer o que vós pretendeis. E a creditais que se possa ultimar n'uma só noute?!

A esperanza abandonou o pobre cavalleiro. Assentou-se triste e pante á entrada da mina, e

lembrou-lhe precipitar-se no abismo que via aberto ante seus olhos: inteiramente absorvido pelo pensamento da sua desgraça permanecia immovel! As horas corriam precipitadamente. a noute havia-se tornado sombria, um vento furioso assobiava lugubre, e visha redemoinhar na entrada da mina. Beppo, eleva os olhos e vê diante de si um homem d'aspecto estranho, com o vestido de mineiro, alampada e capote: a barba era ruiva, e os olhos flamejavam d'um modo extraordinario.

— Cavalleiro, disse-lhe o desconhecido, aproximando-se de Beppo: — ouvi o que acabaste de dizer ao velho mestre mineiro; elle nada sabe da sua profissão, mas eu, eu vos prometto de levar acabo o que elle nem sequer ousou tentar. Querendo accetar a minha offerta atroco d'uma condicção, amará pela manhã vosso cavallo trilhará o atalho aberto na rocha, com tanta commodidade, como se caminhasse no espaçozo caminho de Wormes a Spire.

— Se tu chegares a abrir esta estrada, toda a minha fortuna será tua, e tudo que exijes de mim, seja o que quer que for, eu t'o prometto sob minha palavra de cavalleiro.

— Seja: respondeu immediatamente o mineiro, e desapareceu da vista de Beppo, que julgara que o desconhecido tinha descido á mina a chamar os trabalhadores, para darem comeco á obra.

(Continúa.)

F. Castiço.

*Preziosas riquezas que existem no interino de-
posito da bibliotheca de Braga.*

Continuado do n.º 9.

LITTERATURA.

HISTORIA DE PORTUGAL.

Auctores que della escreveram em portuguez.

IDEM.

Fr. Agostinho de S. Maria.
Alexandre Frreira.
P. André de Barros.
Fr. Antonio d'Almada.
Antonio Cerqueira Pinto.
Antonio Coelho de Freitas.
Fr. Antonio Corrêa.
Fr. Bento da Ascensão.
Boaventura Maciel Aranha.
Braz Luiz d'Abreu.
Caetano José da Silva Souto-mayor.

Fr. Caetano do Vencimento.
Fr. Fernando d'Abreu.
D. Fernando de Noronha.
Fernando Pereira de Brito.
D. Fernando de Queirós.
D. Francisco d'Almeida.
Fr. Francisco d'Aracoeli.
D. Francisco Gomes do Avellar.
Francisco Gomes de Sequeiro.
D. Francisco Xavier do Rego.
Ignacio de Carvalho e Souza.
Fr. Jeronymo de Belem.
P. João Col.
João d'Oliveira.
Jorge Cardoso.
Fr. José Caetano.
P. José Clemente.
José Ignacio da Rocha Feniz.
José Leite da Costa.
D. José Maria de Mello.
Fr. José da Natividade.
Fr. José da Purificação.
Fr. José de S. Rosa.
José de Seobra da Silva.
Fr. Luiz da apresentação.
P. Luiz Cardoso.
Fr. Manoel das Chagas.
Fr. Manoel de S. Damaso.
Fr. Manoel de Figueiredo.
Manoel da Fonseca.
Manoel Pereira da Silva Leal.
P. Manoel Rodrigues Leitão.
P. Manel da Veiga.
D. Maria Antonia de S. Boaventura e Menezes.
P. Matheus Ribeiro.
Pedro Correa Lobo.
Pedro Henrique d'Abreu.
Sebastião de Magalhães.
P. Sebastião do Rego.
D. Thimotheo dos Martyres.
Fr. Thomaz d'Aquino.
D. Thomaz Caetano de Bem.
Fr. Vicente Salgado.

(54)

N. B.

Todos estes escriptores que existem no deposito, acham-se tambem mencionados na *Bibliographia Historica Portugueza*, do snr. Figniere, Lisboa 1850 — 1 vol. 8.º

E note-se ainda que, por brevidade, não se apontam aqui muitos outros auctores; bem como se não falla de muitos documentos e escriptos anonymos, pertencentes á nossa historia, que no mesmo deposito existem.

(Continúa.)

ROMANCE.

UM DUELLO SEM TESTEMUNHAS.

(Continuado do n.º 10.)

VI.

Senhores, não ouvis resoar as trombetas da caça? — disse o conde — a matilha dos cães já está solta... Vamos e bebam-se mais dois golles de vinho e marchemos.

Approvedo por unanimidade! — disse alegremente o juiz d'instrucção, ou inquiridor. — Proponho um novo brinde: á saude da snr.^a condessa d'Harqueville!

Sim — disse com vivacidade Felix, elevando o côpo — á saude da snr.^a condessa!

Havia no seu brinde um quer que é de ternura e melancholia, que só foi notado por Humblot.

Cautela Mr. de Villemont. — lhe disse Humblot ao ouvido, em voz baixa e tremula. — Procedei de modo que o vosso brinde não atraia alguma desgraça sobre essa senhora.

Que quer isso dizer, Mr. Humblot?

Parece-me que fui bem claro e intelligivel, e que por tanto deveis comprehender-me.

Sim, comprehendo bem — replicou Felix: — e eu mesmo vos recomendo toda a prudencia.

Prudencia? Com effeito, Mr. de Villemont bem necessaria vos é, a ella e a vós.

Insolente!!

Mr. de Villemont!...

E o procurador do rei se levantou com rapidez mostrando o semblante roxo de choleira.

Felix fez o mesmo.

O que é isto? — perguntou o conde admirado.

Cavalleiro! é necessario concluir — disse Felix em meia voz.

Dizeis bem — respondeu Humblot — é necessario concluir.

Perfeitamente! Vejo que sois menos corbarde do que eu pensava — redarguiu Felix — Em um momento estou á vossa disposição...

Todos os caçadores se levantaram em desordem, e se agruparam com anciedade em redor dos dois adversarios.

Pois ainda outra disputa entre esses dois senhores?!... — disse o conde visivelmente enfadado. — Isto faz perder o juizo!

Sim, são como fogo e agua... acrescentou o Cantabro; — não podem avir-se um com outro. Mas por que razão collocal'os juntos?

E' verdade, é verdade — disse o conde que se foi a Felix, e lhe apertou a mão com carinho.

Meu amigo peço-vos que tenhais menos fogo... Não perturbemos a festa! E vós, Mr. Humblot — continuou dirigindo-se a este — so-

cegai. Uma rixa á mesa! entre amigos! entre bons camaradas! é affrontoso.

E antinatural! — replicou Loustier.

Felix de Villemont permanecia immovel e silencioso: estava pallido e tremiam-lhe os labios.

Capitão! — disse por fim, inclinando-se ao ouvido de Cantabro: — posso contar convosco mesmo agora?

Pois que? Taõ serio é o assumpto? — perguntou o capitão a meia voz.

Muito serio.

Diabo! — murmurou o Cantabro —

Humblot se aproximou do juiz d'instrucção, e lhe disse em voz baixa, disignando-lhe Felix com um olhar cheio d'odio: — Laustier: necessito de vós dentro em breves momentos...

É possivel? Vós meu querido Mr. Humblot — respondeu Loustier crusando os braços com espanto.

Loustier, não me abandoneis! — replicou Humblot.

Vamos! — disse o conde com alegria cheia de bondade — Amigos apertem-se as mãos: haja paz e reconciliação!

O conde quiz colher o braço de cada uma dos adversarios; porem Felix de Villemont, permanecendo immovel e frio, respondeu com uma impassibilidade desdenhosa.

Minha mão jamais tocará a de Mr. Humblot, até que....

Não disse mais palavra; porem o seu ademan foi claro e significativo.

Mas vamos — disse o Cantabro — tudo se pode ainda assim regularizar...

Comprehendestes-me bem, capitão? — disse Felix.

Perfeitamente.

N'este mesmo instante o ecco das trombetas da caça rebombou na pateo do castello: os picadores e escudeiros chegavam confundidos: os cavallos sellados e enfreados pullavam com impaciencia.

A cavallo!! — disse o conde — aqui estão os picadores! já ahí está a matilha!... partamos senhores.

Sim partamos! E morte ao lobo!

Reclamo a sua pelle — disse o recebedor com tom arrogante — É excellente para os rheumatismos... eu tenho um no musculo esquerdo que...

A cavallo! — gritou o conde.

E todos sahiram da sala dando gritos d'alegria.

Alguns minutos depois a cavalgata despartava pela gradaria: os caçadores e picadores marchavam na frente, levando a matilha ladradora e feroz e desaparecendo entre nuvens de poeira.

VII.

A condessa d'Harqueville não abandonara a sua habitação.

Triste, palida, abatida, achava-se languidamente recostada sobre ampla marquezia; um manto de cachemira branca e os cabellos que tinha entrançados na cabeça e presos em um véo diáfano, tudo lhe dava uns ares de moleza e de encantador abandono e lhe tornava por isso mais interessante a palidez e a fadiga.

Uma joven, de pouco mais de 18 annos, alta, esbelta, d'olhos negros e cheios de fogo: madeixas d'ebano lustroso como a plumagem do corvo; a tez animada e algum tanto morena, permanecia de pé, a algumas distancias da condessa em uma attitude meditabunda e abatida.

Espessas cortinas de seda azul, cahiam em grandes pregas sobre as janelas do dormitório, onde a luz, amortecida por entre pavilhões apenas penetrava como um debil crepusculo: sem embargo, a atmosphera estava pura de nuvens, e o sol despedia seus raios de um modo brilhante. Manhã tão linda de 7 br.º seria muito difficil encontrar-se assim.

Havia ja largo tempo que reinava profundo silencio no dormitório.

Madama d'Harqueville, triste e pensativa deixava cahir de vez em quando a cabeça sobre uma das mãos, e comprimidos soluços lhe fazião arfar o seio. Roza? Disse alfin com voz doce e tremula — já partiram? Sim minha senhora — respondeu a joven — ha talvez mais de meia hora. Sem duvida tereis ouvido o latir dos caés e o resoar das trombetas! —

Não ouvi nada.... doe-me a cabeça de um modo atroz. Nem eu sei o que tenho: porem.... soffro e soffro muito!! Na verdade! Disse Roza aproximando-se da condessa e olhando-a com indiffinivel expressão — estais muito muito mudada desde hontem..... Meu Deus! que tendes? Estais sobremaneira pallida.

Como! tornou vivamente a condessa, que levantou para mirar-se a um espelho — E' verdade! estou desconhecida!... ah! passei uma noite horrorosa!

E' possível? E porque me não chamasteis senhora?

Não, não: era inutil perturbar-te o sono.... e o meu não houvera sido melhor.... porque já vez, Roza, ha mais de 8 dias que não gozo um momento de repouso.... Não tenho podido dormir, nem um só momento.

Ha mais de 8 dias?!. E porque? A voz de Roza parecia agitada: um estremeo rapido e quasi imperceptivel agitara-lhe os musculos do semblante fazendo-lhe tremer o arco moveção de suas sobranceilhas.

Ha mais de 8 dias, senhora condessa? — replicou a joven, marcando cada palavra com intenção — Ah! sim, é porque ha muito arruido e agitação no castello! Todas essas comidas, essas cavalgatas, essas partidas de caça, de certo vos incommodam e fatigam.... Sim, senhora; eis ahí o que vos altera a saude!... Desde ha

8 dias.... isto é, desde que Mr. Felix de Villemont está aqui....

Mr. de Villemont? — interrompeu a condessa com vivacidade e inquietação — Que queres tu dizer n'isso? Porque me fallas de Mr. de Villemont?

Meu Deus! Senhora, fallo d'elle, como fallaria de qualquer outro.... Somentemente que, como é mais amavel, mais energico, mais affeioado a passeios a cavallo... creio ser elle quem causa todo este bolicio... todo este translorno.

Rosa: Mr. de Villemont é joven e ama a distracção e o movimento... e isso é muito natural. Deus me defenda de tomar-lhe zanga por semelhante n'faria.

Oh! senhora condessa, sois indulgente... muito indulgente com Mr. de Villemont.... — respondeu a formosa donzella com accentação triste e sentida.

Estás louca, Roza? Vamos, porque me fallas tanto desse joven? isso é já insupportavel!...

Acaso a snr.ª condessa diz exactamente o que pensa?

Tens hoje uma linguagem estranha e mysteriosa, que não posso comprehender?.... Vamos, explica-te com clareza.

Roza não deu resposta alguma, e retirando-se para o lado d'uma janella, fez uma pequena contracção no rosto, que lhe era habitual sempre que experimentava a menor opposição....

Roza, vinde para aqui!... sempre com arrufos.... impertinente!....

Roza fingiu não ouvir e conservou-se quieta.

Porventura causa maravilha tanta familiaridade entre uma grande snr.ª, e sua simples aia; porem a condessa d'Harqueville, que era boa, singella e mansa consagrava carinho extremo a esta joven italiana, que tinha sido criada na casa de madama de Fouval, mãe da propria condessa.

Amelia contava mais alguns annos que Roza; porem uma viva e sympathica amizade unia desde ha muito tempo estas duas almas, que não tinham segredos uma para a outra. Todavia, durante os ultimos mezes viviam em confiança menos íntima: um motivo grande, levava cedo ou tarde dividil'as pera sempre? Madama d'Harqueville, e Roza, continuavam guardando silencio; porem o semblante da condessa expressava cada vez em maior grau preocupação e anciedade; pois que de tempos a tempos volvia com rapidez a cabeça, e parecendo escutar com attenção o mesmo era vel'a que vel'a estremeo, e mudar subitamente de dôr.

Roza, que virára as costas a sua ama, tinha desaparecido por traz de larga cortina, collocando-se no vão d'uma janella. De repente ouviu-se o galopar d'um cavallo: Roza deixando escapar um ligeiro grito, não

diase nem palavra, e sem lançar, nem olhos á condessa, sahio precipitadamente do dormitório.

(Continúa.)

Celestino C. do C. Seixas

Explicação da charada de n.º antecedente
= EXTREMADURA =.

CHARADA.

Fui grande, tive riquezas
Em tempo que já findou;
Mas invencível orgulho
Minha ruina cavou.

Fui grande, qual um Monarcha,
Em tempo que já findou;
O quasi-sceptro que tive,
A traição me arrebatou.

E de tudo quanto fui
Em tempo que já findou,
Hoje só resta a memoria,
Do infeliz que finou....

Fui bella, tive dous sceptros.
Em tempo que já findou;
A perda d'um 'sposo caro.
D' um dos sceptros me privou.

Mas ainda bella e rainha;
Em tempo que já findou,
A mais horrivel traição
Outro sceptro me roubou!....

E de tudo quanto fui
Em tempo que já findou;
Hoje só resta a memoria.
Da infeliz que finou!.....

CONCETTO.

E' meu todo inteiramente
As' duas partes opposto:

Separado, como he grande!
Reunido, que desgosto!...

Pode qualquer animal
Assim chamar-se, por certo:
Até mesmo qualquer tollo,
Que queira campar d'esperto.

He meu todo inteiramente.
As' duas partes opposto:
Separado, como he grande,
Reunido que desgosto!.....

A. Pereira d'Araujo.

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS.

Sahiu á luz o n.º 8 da *Grinalda* jornal poetico, e que hem rivalisa com o antigo *Trovador*. Nesta re'acção recebem-se assignaturas para a *Grinalda*.

A refutação analitica do relatorio, medidas financeiras, e contractos sobre caminhos de ferro, cuja approvação e conversões em Leys, e Snr. Fontes Pereira de Mello, solicita do Parlamento; acha-se á venda em Lisboa nas lojas de livros de Martins aos Paulistas, Lavado, e Viuva Henriques, na Rua Augusta, e no Porto nas do costume — preço por exemplar 200 rs.

Este trabalho, contendo 66 paginas, espalha grande luz sobre a importante questão, que hoje se agita em Portugal, á cerca de caminhos de ferro, e indica porque meios seguros tal questão pode satisfatoriamente ser resolvida.

ALGUMAS REFLEXÕES

SOBRE

CERTOS ABSURDOS ONTOLOGICOS

QUE SE ENCONTRAM

Nas Noções Elementares de Ontologia, Psychologia Racional e Theodiceia, ou Metaphisica de Genuense Reformada por M. Pinheiro d'A. e A. (Edição de 1845) escriptas em pro da religião e para desengano da mocidade por

J. F. M. S.

Vende-se em BRAGA, em casa de Antonio de Freitas Guimarães, rua do Scuto n.º 35, e na de J. Maria Dias da Costa, rua Nova n.º 3 — LISBOA, na de Lavado, rua Augusta n.º 8 — PORTO, na de Cruz Coutinho, aos Caldeiros — COIMBRA, na de J. de Mesquita, rua das Covas — VIANNA, na de A. J. Pereira, rua da Picota n.º 3 — GUIMARÃES, Domingos Antonio de Freitas, campo do Tournal.
Preço..... 240 reis.